

Slide: alguns trabalhos de Patrícia Francisco

Slide: some artworks of Patrícia Francisco

ELAINE ATHAYDE ALVES TEDESCO*

Artigo completo submetido a 30 de dezembro de 2015 e aprovado a 10 de janeiro de 2016.

*Brasil, artista visual. Bacharelado em Artes Plásticas, Departamento de Artes Visuais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestrado em Artes Visuais, UFRGS. Doutorado em Artes Visuais, UFRGS.

AFILIAÇÃO: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Artes, Departamento de Artes Visuais, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais. Rua Senhor dos Passos 248, Centro, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: elaine.tedesco@ufrgs.br

Resumo: O presente texto reflete sobre o trabalho de Patrícia Francisco, jovem artista Brasileira que vem privilegiando a criação de filmes em sua produção artística para desenvolver versões do real. O texto realizado a partir de entrevistas estabelece relações com o pensamento de escritos de Joan Fontcuberta em *Câmera de Pandora*: a fotografia depois da fotografia e focaliza de que forma a artista explora o conceito slide na fotografia e o articula com a imagem digital e a influência do cinema em suas obras recentes.

Palavras chave: slides / arte / fotografia / mosaico / cinema.

Abstract: *This paper discusses the artwork of Patricia Francisco, a young Brazilian artist who has been creating movies in her artistic production to develop image versions about reality. This text, referring to interviews, puts the focus on how the artist explores “slides” as a concept of photography, its articulation upon digital image and the influence of cinema in her recent artwork. Some thoughts of Joan Fontcuberta in his writings on “Pandora’s Camera: photogr@phy after photography” are used as reference here.*

Keywords: slides / art / photography / mosaic / cine.

Introdução

Há alguns anos Patrícia Francisco cria vídeos, documentários autorais nos quais o roteiro é delineado a partir das suas memórias e de memórias alheias. São filmes que abordam histórias de cegos, lembranças de sua avó, histórias de algumas mulheres ou um diário de sua percepção sobre casas abandonadas na cidade de

São Paulo. A artista nascida nos anos 1974 e formada no Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, iniciou suas experimentações com filmes em situação de exposição com o projeto *Cinema para dois*, apresentado na Usina do Gasômetro em Porto Alegre, 2000. Naquela proposta, convidava os espectadores a adentrarem em uma cabine, construída em madeira e projetada para duas pessoas assistirem a uma sequência criada a partir de fragmentos de filmes pornô encontrados em um depósito, o filme projetado em super-8, apenas sugeria tais imagens, pois o tratamento de edição feito pela artista envolveu raspar e tingir as películas antes de montá-las.

No início de 2005, época de realização de seu Mestrado na ECA, USP, passou a trabalhar com filmes abordando o tema da memória. Os filmes *Eu trilho*, *Retratos da Vó Ana*, ambos de 2008, iniciam o adensamento dessa pesquisa artística, além de *A Inventariante* de 2011. Em trabalhos realizados em São Paulo, Patrícia Francisco desenvolveu documentários sobre música brasileira, sobre a cegueira e trabalhou para filmes de outros diretores. Em 2013 passou a investigar o uso de fotomontagens a fim de criar séries inspiradas pelo cinema. Tais trabalhos fazem o uso de citações a obras de artistas, como *Leonardo da Vinci*. Para isso se apropria de slides de coleções alheias, depois os escaneia e remonta em programas de edição de imagens, que posteriormente resultam em imagens impressas ou projetadas, como em *Eu Como Um Canto*; *Leonardo* (Figura 1); *Vetores*; *Dominó*; *Antes/Depois* e *Sinal Vermelho*. Nos projetos mais recentes, voltou a explorar o audiovisual em formas de apresentação que extrapolam a simples projeção, retomando o seu interesse pela instalação do filme no experimentado no início da década de 2000.

Na exposição *Slide* (Figura 2, Figura 3), realizada na galeria Mamute, em Porto Alegre 2015, articula objetos, filmes e fotos para criar uma narrativa. Sobre isso diz “Algo a mais que não é possível construir só na imagem em movimento (cinema), é da construção no espaço, pois é dessa origem, não é da origem da construção em um filme” (Patrícia Francisco, comunicação pessoal, 2015).

1. Sobre as obras presentes em SLIDES

A fotografia *Série Leonardo*, *Dos imigrantes* vista de longe é um plano com muitos tons de azul, aos poucos conforme nos concentramos vamos identificando a estrutura de uma imagem – uma paisagem urbana, nas palavras da artista “junto da imagem há uma camada como uma retícula ou cortina de molduras de slides azuis sem imagens que vão alternando sua opacidade e transparência, dando uma sensação de junção à imagem em filme cromo positivo” (Patrícia Francisco, comunicação pessoal, 2015). Na outra fotografia da série, *Da Natureza*, composta por slides marfim, azul e preto e branco, quando nos aproximamos, percebemos

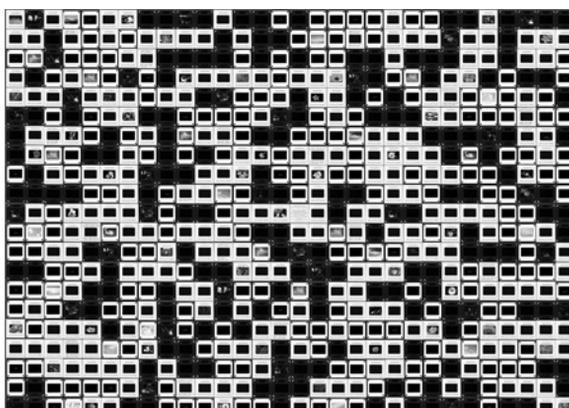


Figura 1 · Patrícia Francisco, *Série Leonardo, Das Cidades*, 150x106 cm, 2000 slides empilhados, 2015. Fonte: própria.

Figura 2 · Patrícia Francisco, *Série Leonardo, da Natureza*. Galeria Mamute, 2015. Fonte: própria.

Figura 3 · Patrícia Francisco, Vista da exposição *Slide*. Galeria Mamute, 2015. Fonte: própria.

que é constituída por múltiplas cenas contidas em molduras de slides ou fotos que foram escaneados. São segundo ela – “apropriação de fotografias de botânica, fotografias do céu em preto e branco, citações de trechos do livro ‘Tratado de Pintura’ de Leonardo da Vinci escrito sobre as bordas da moldura e o meu desenho das décadas de todo o século dezanove colocado dentro das molduras, no lugar das imagens. O século escolhido se refere ao redescobrimento da obra de Leonardo nessa época” (Patrícia Francisco, comunicação pessoal, 2015). Olhando atentamente constatamos que a repetição é uma operação presente nessa obra, para ela “um serialismo com progressão para o infinito”.

Já a obra *Das Cidades* (Figura 1) – “uma fotomontagem com imagens do céu em cores, contrapondo com o céu PB da outra fotomontagem da série” (Patrícia Francisco, comunicação pessoal, 2015) foi realizada a partir das mesmas operações e acrescida da inclusão das molduras físicas para slides empilhadas e apoiadas numa base de vidro com mão francesa metálica fixa à parede, abaixo da fotografia impressa. Patrícia Francisco em sua descrição do trabalho afirma “A ideia era relacionar o artista Leonardo à Arquitetura, compondo com as pilhas de slides e as sobreposições de cinco fotografias preto e branco de panoramas de edifícios à construção e o crescimento das cidades, cidades que foram supostamente crescendo desde a época do artista, no Renascimento” (Patrícia Francisco, comunicação pessoal, 2015). Ao incluir a legenda *Leonardo da Vinci* nas molduras empilhadas diante da fotografia esbranquiçada, constituída por citações às suas pinturas, contidas em múltiplas imagens de molduras, que por sua vez acabam por criar um mosaico constituindo outra imagem, Francisco nos leva a refletir sobre o pensamento artístico que se interessa pelas coisas do mundo e pelas imagens que estruturam outras imagens, como ocorre com os mosaicos, as imagens em abismo, as citações.

A ideia de mosaico empregada pela artista expressa o modo como a fotografia, na atualidade parece pulverizar o significado das imagens, esse procedimento foi tema da obra *Googlegrams*, de Joan Fontcuberta, 2007, na qual o artista catalão usa um software como o *Mozaizer* ou o *Andreamosaic* para formar figuras a partir da ferramenta de busca de uma determinada palavra via “Google”. No seu livro *Pandora’s Camera* o artista apresenta dezesseis ensaios sobre a fotografia na atualidade, nos quais busca elucidar *o que resta* da fotografia química que ainda impregna a fotografia digital. No texto *I Knew the spice girls* o autor aproxima os processos de pintura e de escrita ao funcionamento da imagem digital, apontando que em todos esses meios a feitura acontece por partes, não num corte único, como ocorre com a fotografia química. Afirma: “A textura do suporte e o caráter de mosaico que vem do fato de ser composta por unidades gráficas as quais podem ser operadas individualmente, nos aproxima do pintar ou escrever.”

(Fontcuberta, 2014:60) Fontcuberta apresenta o *modus operandi* técnico como diferença entre pintura e imagem digital e afirma que a evolução da pintura poderia ter resultado diretamente em infografia. Para o autor a fotografia química, na qual o registro óptico projeta a cena automaticamente sobre toda uma superfície de uma única vez, se insinuou entre os dois processos. Fontcuberta conclui o raciocínio das relações entre fotografia química, pintura, escritura e fotografia digital afirmando que a fotografia analógica é inscrição e a fotografia digital escritura. (Fontcuberta, 2014:60)

A fotografia digital contém esses dois elementos estruturantes: a captação óptica e o mosaico reticulado dos píxels que a constituem (Fontcuberta, 2014:60). A *Série Leonardo*, criada por Patrícia Francisco em formato digital, tem como um de seus elementos o uso e a apropriação de slides (positivos filmicos) e suas molduras (que são como módulos para a artista) e por meio da edição ponto por ponto resultam em mosaicos. Isto me fez lembrar de Vilém Flusser e a ideia de que a fotografia é a primeira forma de imagem pós-histórica, pois são imagens que se estruturam a partir de textos. Não são superfícies como as imagens pré-históricas ou históricas elas são mosaicos. (Flusser, 2002: 126-31)

Nessa série a metalinguagem é o recurso empregado na constituição de obras que comentam a memória da fotografia e da história da arte. São imagens que contém as molduras como elemento formador do mosaico ao mesmo tempo que são fotografias criadas na lógica da transmissão e compartilhamento (Fontcuberta, 2014: 26) que evocam um momento no qual a lógica era a seleção, o álbum, a veracidade.

1.1 O texto do filme *Ambientes*

A projeção *Ambientes da Série Sinal Vermelho* (Figura 4 e Figura 5) apresentada na exposição *Slide*, faz *menção* ao filme de Agnès Varda *O Catador e a Catadora* (2000) e foi criada a partir de mais de mil imagens digitais capturadas ao longo de quatro meses (dez 2014 à março 2015) na Baía de Guanabara. A obra situa o termo slide, não em relação a fotografia de base química, mas no uso atual do termo. Slide na gramática digital significa uma nova tela. Uma tela que será parte de uma sequência, em alemão uma "Folie" = uma transparência. E transparência é o efeito que a artista empregou para editar as imagens fixas em sobreposições múltiplas numa sequência de 63 minutos (primeira versão) e uma segunda versão de 30 minutos. O filme aborda por meio de transparências um tema extremamente pertinente na atualidade – o descaso, descuido, desprezo de muitos com a natureza, a artista faz isso ancorando a imagem da Baía de Guanabara e seu cenário histórico – o pão de açúcar em cenas em preto e branco. Sobre elas se somam

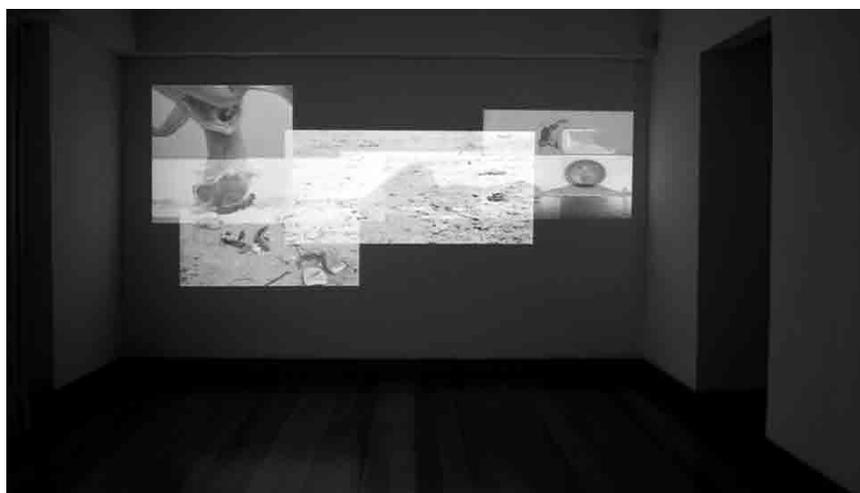
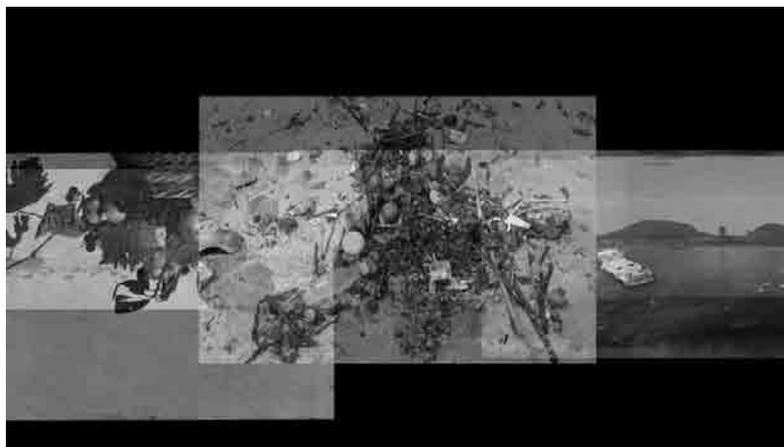


Figura 4 - Patrícia Francisco, *AMBIENTES Série Sinal Vermelho*, detalhe da projeção na Galeria Mamute, Porto Alegre, 2015.

Fonte: própria.

Figura 5 - Patrícia Francisco, *AMBIENTES Série Sinal Vermelho*, Vista da projeção na Galeria Mamute, Porto Alegre, 2015.

Fonte: própria.

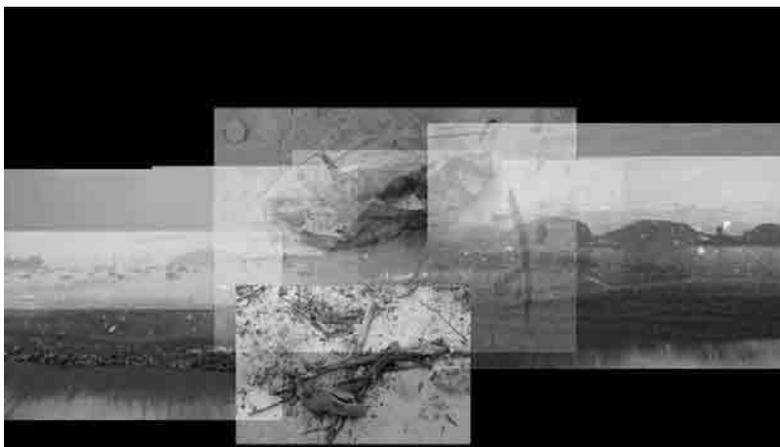


Figura 6 · Patrícia Francisco, *Sinal Vermelho*, detalhe da projeção na Galeria Mamute, Porto Alegre, 2015. Fonte: própria.

Figura 7 · Patrícia Francisco, *Sinal Vermelho*, Vista da projeção na Galeria Mamute, Porto Alegre, 2015. Fonte: própria.

centenas de fotos do lixo que se acumula diariamente na areia, na água daquela praia (Figura 6). Uma metonímia do que nos cerca.

Pensando novamente sobre o como as obras da artista operam diretamente a fotografia e suas múltiplas migrações na atualidade, lembro de uma afirmação de Joan Fontcuberta na conclusão do livro citado "Existe uma diferença semântica maior entre a fotografia analógica e a fotografia digital do que entre filme e vídeo, e ninguém gostaria de chamar o vídeo cinema eletrônico ou cinema de fita magnética" (Fontcuberta, 2014:188).

Concordando com a diferença semântica, não fica claro a quem Fontcuberta se refere, mas Cinema eletrônico talvez seja um bom termo para classificar este trabalho de Francisco. Isto porque o trabalho formado a partir de centenas de fotografias, imagens em movimento, também com citações de pinturas de Natureza-morta e apresentado projetado em uma galeria, tem por parte da artista a intenção de ser um filme, ou seja de um filme para ser visto do início ao fim, no entanto, é uma obra que não cabe num rótulo, propõe uma abertura, pode ser vista também como imagem flutuante (Tedesco, 2015) assim como os trabalhos *Photo Color* de Marina Camargo, da série *Familiar Spaces* de Klaus W. Eisenlohr ou *Futuro do pretérito* de Rubens Mano, que também são obras capturadas com câmeras fotográficas e sequenciadas em programas para edição de vídeo, estando sempre dependentes das condições de apresentação.

AMBIENTES Série *Sinal Vermelho* propõe uma narrativa que vai do amanhecer ao anoitecer (Figura 7). Foi capturado com câmera de fotografia e é constituído por uma série de cenas fixas e outras em movimento que se sobrepõem, tem como áudio uma trilha que encadeia sons urbanos, sons da Nasa, Beethoven, sons do mar e músicas que recordam filmes de ficção científica. Junto ao encadeamento das imagens, nesse percurso que refere-se a um único dia, o áudio confere o clima. Tornando-o por fim uma escritura audiovisual. Bem melhor seria que o caráter ficcional desse texto criado pela artista fosse realidade e que o lixo encontrado por Patrícia Francisco nada tivesse de documental.

Referências

- Flusser, Vilém (2002) "Photography and History" In: Strohl, Andreas (Ed.). *Vilém Flusser Writings*. Londres: University of Minesota, pp. 126-31. ISBN 978-0-8166-3565-8.
- Fontcuberta, Joan (2014) "Pandora's Camera Photogr@phy after photography". United Kingdom: MACK, ISBN 97819101164037.
- Tedesco, Elaine (2015) "Imagens flutuantes e espaços públicos na obra de Klaus W. Eisenlohr" *Revista Croma, Estudos Artísticos*. 2015, ISBN 978-989-8771-23-0. Vol. 3, n. 6.: 37-44.